

Canções Ibéricas

Ana Quintans

Filipe Raposo

Canções Portuguesas



GULBENKIAN
MÚSICA

11 mar 23

11 mar 23 SÁBADO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Ana Quintans Soprano

Filipe Raposo Piano

Filipe Raposo (arr. — n. 1979)

Cancioneiro Popular Português (selecção)

Era ainda pequenina

Vai-te embora ó papão

Senhora do Almortão

Vianna da Motta (1868-1948)

Pastoral (Camilo Castelo Branco)

Olhos negros (Almeida Garrett)

Fado (João de Deus)

Canção perdida (Guerra Junqueiro)

Francisco de Lacerda (1869-1934)

Tenho tantas saudades

Quero cantar, ser alegre

Quando tu abres os olhos

Luís de Freitas Branco (1890-1955)

Fado serenata (António Botto)

A formosura desta fresca serra (Luís de Camões)

António Fragoso (1897-1918)

Canção da Fiandeira (António Correia de Oliveira)

Manuel Ivo Cruz (1901-1985)

Mágoas de Anto (António Nobre)

Fernando Lopes-Graça (1906-1994)

Quem embarca, quem embarca

Ó virgens que passais (António Nobre)

Jorge Cronner de Vasconcellos (1910-1974)

Na fonte está Leonor (Luís de Camões)

Joly Braga Santos (1924-1988)

Canção de embalar

Carlos Paredes (1925-2004)

Verdes anos (Pedro Tamen)

Eurico Carrapatoso (n. 1962)

Eu (Florbelá Espanca)

Em parceria com:

FUNDACIÓN JUAN MARCH

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 15 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

Canções Portuguesas

Em Portugal, à semelhança de outras nações europeias, o Romantismo inflamou o sentimento de identidade nacional e a canção em português adquiriu então um protagonismo renovado. Durante os anos da Primeira República Portuguesa (1910-1926), o Integralismo Lusitano, movimento político monárquico de perfil conservador e tradicionalista, impulsionou distintas iniciativas culturais e musicais, recuperando figuras fundamentais do passado literário como Luís de Camões (ca. 1524-1580) ou o escritor romântico Almeida Garrett (1799-1854). Na música, este movimento traduziu-se num olhar sobre o passado musical português, despojando-o das influências italiana e espanhola e abrindo portas a um estilo neoclássico próprio, que seria cultivado por compositores como Jorge Cronner de Vasconcellos, Manuel Ivo Cruz, Luís de Freitas Branco ou Vianna da Motta. Deste último, a canção *Olhos negros* é representativa do seu gosto pelas formas e o melodismo da canção romântica. Durante o regime do Estado Novo (1933-1974), o folclore – como em tantos outros regimes autoritários que povoaram

o século XX – foi um dos veículos fundamentais para difundir a ideologia dominante. A canção popular não podia ficar de fora desta equação e iniciativas como o *Cancioneiro Popular Português* juntaram um rico acervo que, neste caso, seria publicado em 1981. Foi compilado pelo musicólogo francês Michel Giacometti e o compositor Fernando Lopes-Graça com a intenção de “restituir ao povo português o que lhe pertence como herança legítima”. Lopes-Graça, figura fundamental na utilização do património musical no âmbito do ensino musical, fundou o seu próprio coro em 1945, vinculado primeiro ao movimento político de oposição ao salazarismo e logo incorporado na Academia de Amadores de Música. Para este coro harmonizou um grande número de canções do folclore português. O recital termina com um piscar de olhos ao fado através de *Verdes anos*, de Carlos Paredes, e de *Eu*, de Eurico Carrapatoso, canção inspirada na poesia de Florbela Espanca, pioneira do movimento feminista em Portugal.

FUNDACIÓN JUAN MARCH

Ana Quintans

Ana Quintans nasceu em Lisboa. Estudou canto no Conservatório de Música de Lisboa e no Flanders Operastudio, em Gent, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Dedicando a maior parte do seu tempo ao repertório barroco, colaborou com muitas orquestras de topo como Les Arts Florissants, Il Complesso Barocco, Les Musiciens du Louvre, Le Poème Harmonique, Ensemble Pygmalion, Al Ayre espanhol, Concerto de' Cavalieri, Il pomo d'oro, Les Folies Françaises, Divino Sospiro e Músicos do Tejo.

No domínio da ópera, destacam-se interpretações de Drusilla e La Virtù (*L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi); Amor (*Hippolyte et Aricie* de Rameau); Belinda (*Dido e Eneias* de Purcell); Amor (*Egisto* de Cavalli); Jonathas (*David et Jonathas* de Charpentier); Amor (*Orfeo ed Euridice* de Gluck); papéis principais em *La Spinalba* e *Ippolito*, de F. A. de Almeida; Papagena (*A flauta mágica*); Despina, (*Così fan tutte*); Ilia (*Idomeneo*); Minerva (*El Prometeo* de Draghi).

O compositor Luís Tinoco escreveu para a sua voz as obras *From the Depth of Distance*, *Songs of a solitary dreamer* e o papel de Nancy em *Evil Machines*. Colaborou com maestros de renome, tendo-se apresentado em prestigiados palcos como: Ópera de Lyon, Salle Pleyel, Festival de Salzburgo, Teatro Real de Madrid, Teatro Mariinsky de Moscovo, Auditório Tchaikovsky de São Petersburgo, Victoria Hall de Genebra, Festival de Viena, Festival d'Aix-en-Provence, Salle Gaveau, Ópera de Avignon, Carnegie Hall de Nova Iorque, Festival d'Ambronay, Helsinki Music Center, Stadttheater Klagenfurt, Lasdestheater Bregenz, Cité de la Musique, Théâtre des Champs-Élysées, *La Folle Journée Tokyo* e Concertgebouw de Amesterdão.

Filipe Raposo

Filipe Raposo nasceu em Lisboa. É pianista, compositor e orquestrador. Iniciou os seus estudos de piano no Conservatório Nacional de Lisboa e concluiu o mestrado em *Piano Jazz Performance* no Royal College of Music (Estocolmo), tendo sido bolsheiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa.

Colaborou em concertos e em gravações discográficas com alguns dos principais nomes da música portuguesa. Trabalha também como compositor e intérprete em cinema e teatro. Em 2022 escreveu a ópera *As Cortes de Júpiter* (Gil Vicente), com encenação de Ricardo Neves-Neves. Enquanto orquestrador e pianista, tem colaborado com inúmeras orquestras europeias, apresentando-se a solo em festivais internacionais de jazz.

Desde 2004, colabora com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite desta instituição compôs e gravou a banda sonora para as edições em DVD de filmes portugueses do cinema mudo: em 2017 foi lançado *Lisboa, Crónica Anedótica*, de Leitão de Barros, menção honrosa no festival *Il Cinema Ritrovato*, em Bolonha; em 2018 *O Táxi n.º 9297*, de Reinaldo Ferreira; em 2020 *Frei Bonifácio* e *Barba negra* de Georges Pallu; em 2021 *Nazaré, Praia de Pescadores*, de Leitão de Barros.

Em nome próprio, editou os discos: *First Falls* (2011, Prémio Artista Revelação Fundação Amália); *A Hundred Silent Ways* (2013); *Inquietude* (2015); *Rita Maria & Filipe Raposo / Live in Oslo* (2018); *Ôcre* vol. 1 (2019); *The Art of Song* vol. 1: *When Baroque Meets Jazz* (2020); e *Obsidiana* vol. 2 (2022).

MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA

 VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA

 STONE

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA

 BPI

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

 SANTA
CASA
Associação de Amadores de Música de São Carlos

 Fundação "la Caixa"

MECENAS
CICLO DE PIANO

 pwc

MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN

 Brisa 

GULBENKIAN.PT

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.